

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º D. — Telefone 27136.
Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COM. DE CENSURA

No "Diário do Governo,, de 13 do corrente foi publicada a Portaria n.º 8.439, do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, que permite a aposição, nas correspondências postais, das vinhetas emitidas pela Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, desta cidade, cujo rendimento se destina à construção do Monumento aos Heróis da Grande Guerra.

Pró - Monumento !

Viva Guimarães !

A comemoração Gilvicentina

Critérios diferentes

Tram procurado sem defensas nem malabarismos, a sem-razão de se acompanhar o adiamento feito pela Academia das Ciências, por motivo de férias, da comemoração do 4.º centenário da morte de Gil Vicente.

Assim como se não sabe ao certo a data do nascimento do fundador do teatro peninsular, também ao certo se não sabe a data do seu falecimento. O sr. dr. Júlio Dantas, na sessão em que foi votado o adiamento, também se perdeu naquele labirinto das hipóteses que vai desde 1536 a 1540. E concluiu, como já foi afirmado, que Gil Vicente morreu para a actividade literária em 1536.

Ora se a verdade oficial considera a morte do poeta — e esta — em 1536, porque é que a comemoração transita para 1937? É um contrassenso sa-loio bem pouco digno duma Colectividade de tão grande responsabilidade como é a Academia das Ciências.

acompanhar este critério sa-loio, aproveitar esta porta falsa tão indispensável nas sortes de prestidigitação, é desafiar o ridículo.

Suponho que não foi essa a intenção da nossa Câmara, embora se afirme que a resolução da Academia foi a táboa de salvação a que ansiosamente se agarraram os nossos édis.

Eu, confesso, não acredito em tal. A Câmara precipitou-se, sem dúvida. Mas há ainda remédio a essa precipitação lamentável. É certo que, confrontando a indolência primitiva na organização do programa da comemoração do centenário, aquele caminhar lento, ponderado, cheio de cautelas, com esta marcha cem à hora para se não perder de vista a resolução académica, tem de se concluir que se mudou de critério, que se abandonou neste caso, o caminhar lento e ponderado que as circunstâncias agora reclamavam.

Lamentável, sem dúvida, mas remediável ainda. Todos nós sabemos que o monumento a levantar nesta cidade não se poderia concluir até Dezembro deste ano.

Portanto, lançando-se agora a primeira pedra desse monumento, (e a primeira pedra não se pode lançar sem haver maquette) teríamos a sua conclusão, por trabalho sucessivo, no ano de 1937.

Desta maneira, aqueles que possam ter a Academia por oráculo, não incorreriam na louvável impaciência a que o sr. dr. Júlio Dantas tão imprópriamente aludiu. Mas, desde que agarrados à casaca académica do sr. dr. Júlio Dantas se persiste em voltar ao mes-



Capitão Manuel da Silva
Combatente da Grande Guerra



General Ferreira Martins
Presidente da Comissão de Honra
«Pró-Monumento»



Coronel Henrique Pires Monteiro
Combatente da Grande Guerra

mo passo cauteloso, ao caminhar lento e pausado, só compreensível em pessoas que não tem fé, dinamismo, coragem de tomar atitudes e de as defender, temos de concluir que o nosso brio bairrista foi espesinhado e que se afrontou a dignidade da nossa terra, bem digna de melhor sorte.

13 de Maio de 1936.

Manuel Alves da Oliveira.

Elogio das feias

Pobres das feias!

Vêde num grupo de jovens as risinhas faciais que se concedem às bonitas, as atenções de que são alvo as que são bonitas ou presumem sê-lo.

E comparai depois o ambiente de gelada indiferença em que se movem as feias...

Tudo lhes é interdito que exprima galanteria e lisonja, frescura e graça, espírito de feminilidade.

Todos esses pequeninos nada sentimentos e aparentes frioleiras que sobrenadam ao rumo das coisas e representam muito para a mulher. Que para a mulher são tudo!

Pobres das feias!
Não lhes basta serem feias. Inda é preciso que todos, a cada instante, lhe façam sentir que o são...

Altas e inacessíveis muralhas as cercam e as separam das paixões do mundo, na tristura do seu isolamento...

A sua vida não tem começo nem fim, desliza como uma sombra no anonimato à margem de tudo que traz exaltação e ruído, mocidade e prazer. Não é a vida de todas as mulheres. Habitam um mundo aparte. Encerradas em si, vivem só das próprias emoções — não das emoções que o amor dá.

São feias...
Bastardas feias do sexo; nem sequer tem direito a ter coração. De que lhes serve? Ninguém pensa despertá-lo, estreitá-lo a si, escutar-lhe o murmúrio das íntimas confidências.

São feias...
E no entanto — ah! quantas vezes! — o coração das feias palpita e estremece, plêtorico de virtudes e de reconditos tesouros afectivos, de que já mais se apercebem aquêles que procuram longe a felicidade... desprezando a que tem junto de si!

Pobres das feias!
Passam indiferentes, sem ruído, mo-

vidas por estranho automatismo, entre o tumulto das gentes. Ninguém repara nelas, ninguém lhes dá pela presença. Não inspiram um sorriso, uma curiosidade galante. Há mutismo nas almas e aos lábios não astoram madi-rimas — quando as feias passam.

Esfriam nelas todos os olhares como o fogo ao contacto do gelo se apaga.

Pobres das feias!
A vaidade masculina é de julgamentos facéis e de resoluções levianas, para não dizer arbitrarias. Ajuziza pelos exteriores. Pronuncia-se pela apresentação espectacular ou, sensualmente, pela pujança animal das linhas plásticas ainda que frias, inexpressivas, como as estátuas.

Doi-me o pesar discreto das feias; a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Isso e o mais que elas não dizem mas se adivinha quando, a sós, caíndo em si, frente à realidade, o espelho implacavelmente lhes aponta a sua inferioridade física e as imperfeições de que não são culpadas.

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Despojadas da coroa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

considerar-me só nesta humana simpatia. Talvez para reparar o abandono a que são votadas por aquêles, que não tendo outra visão que a dos olhos, não sabem compreender a beleza nunca revelada das feias...

Mário Azenha.

Serenamente...

Quaisquer que sejam os pensamentos, qualquer que seja a acção de qualquer indivíduo em função de sociabilidade, pesa sobre ele a responsabilidade individual e a quota parte colectiva dos movimentos sociais e seus fins, mórmente se uma apostolização, ainda que em sectores de vida social restricta, o move no sentido da inovação, que atinja o modo de ver, a estabilidade e os interesses, por essa invocação abalados...

Esta responsabilidade social, graduada segundo a capacidade intelectual de quem a compreende, dissociada basta vezes de compreensão alguma ou ignorada até do modo impulsivo e caracteristicamente popular com que se executam, não raras vezes, movimentos colectivos, cujo alcance a multidão ignora, apenas alentada pelo lado maravilhoso dum paraíso de sonho, essa responsabilidade nem sempre se aquilata ou se mede pelo padrão, que deve ser inalcançável e inextinguível do verdadeiro amor social, que nos arrasta à colaboração para o Bem comum, único fim lógico duma Sociedade.

Por compreensão e definição clássica, sociedade: — é a estavel união moral dos indivíduos para o Bem comum, com a cooperação de todos e a todos atingindo.

Definição perfeita, que abrange e prevê tudo o que numa sociedade é um elemento constitutivo, seus fins, seus benefícios.

É antes de mais nada a Sociedade uma estavel união moral de indivíduos e é por essa união que é possível conseguir o bem comum, e para ela necessária a cooperação efectiva de todos, para que a todos atinja o benefício da mesma união.

Sociedade desunida claudica na sua base essencial. Sociedade sem união moral, isto é, de vontades, é a negação de si mesma, inútil e igual a nada, «como duas metades dum zero».

Sociedade que não queira atingir o bem comum e só o Bem — será o homem livre em praticar o Mal? — também não é sociedade, em razão dos fins da filosofia social.

E, por extensão de raciocínios contidos na definição, a cooperação de

todos é a vida da sociedade e o Bem conseguido a todos deve atingir, sem limitações de reivindicações orgulhosas e egoístas.

Luístamos no primeiro pensamento, que a definição fixa: — União Moral.

A nossa liberdade de acção, quando a encaminhamos pelas veredas ingratas do serviço social, não é indiferente a limitação que lhe opõem os interesses colectivos, o estado anterior da organização da vida em comum.

Assim como a natureza não dá saltos — «natura non fecit saltus!» — também a sociedade não é brusca nos seus movimentos.

Falamos da sociedade e não da multidão, isto é, da união responsável de vontades. A multidão não pensa; é irresponsável.

As grandes revoluções são sempre a dinamização de posições intelectuais, de doutrinas sociais e políticas, longamente incubadas.

Se, porém, se for perguntar a um indivíduo componente da multidão dinamizada o que deseja, o que pretende, porque grita e porque se agita, é raro que se não encontre nêlo o representante atávico duma selvajaria primitiva...

O Homem desapareceu. Prometeu-se-lhe a satisfação do seu interesse pessoal. Ei-lo que berra, que grita, que arranja cruzes para todos os Justos!...

A União Moral, essa força coercitiva de vontades, congregando os indivíduos de inteligências, embora pouco cultivada, mas disciplinados, é o principal factor, através das idades e das contingências temporais, do progresso das colectividades, sua directriz e sua norma.

Destruir tal União é cair na fraqueza dos que facilmente se deixam vencer.

Dos grandes e imponentes centros da Civilização humana até aos mais recônditos e apagados recantos das agregações paroquiais, a união dos indivíduos em função do bem comum tem de ser a pedra de toque da vitalidade progressiva, daquela vitalidade que triunfa de todas as hostilidades, daquela força e vontade firmes, que desdenha de todas as molezas e tibiezas, daquela virtude sólida e digníssima, que se impõe ao erro e à mentira, como o esplendor mais alto da religião da Humanidade!

Falamos na religião da Humanidade, sem intuídos que possam dar asas às suspições heréticas...

Seria a Religião em que o Homem pela Felicidade e pela Perfeição atingiria os óbices divinos de quantas religiões se dizem reveladas...

União, coesão humana. — E, como corolário dela, a máxima felicidade para o indivíduo humano, a maior

perfeição das suas potências criadoras do Progresso, limitado pelas exigências únicas do Bem comum. O bem da Sociedade antes do indivíduo e o bem do indivíduo como prémio e como emanação da Grande União Social.

Mas de todo e qualquer modo união social de responsáveis, porque só esses têm o direito de conformar a vida social, consoante os movimentos sinceramente humanos das suas almas.

Os que não são ou não podem ser responsáveis, que se deixem dirigir, que deleguem, pelo reconhecimento do que pode valer a responsabilidade social naqueles que valem mais.

A moderna concepção social do Chefe é uma extensão da organização das «élites». Todo o homem pode pertencer a determinada «élite», o que está muito longe de todo o homem poder ser um chefe.

Do mal da falta de disciplina mental, em qualquer meio social, que se manifeste, vem sempre uma situação difícil, que tanto mais se agrava, quanto mais se expandem as razões da vaidade, do orgulho, da nostalgia do mando.

Mal resultante do esquecimento de que já mais poderá mandar quem não saiba primeiro obedecer a uma disciplina interior e moral, que dá ao homem a posse do carácter e que lhe indica o caminho da sua acção social, se por temperamento ou por solicitação colectiva nela é chamado a colaborar.

Como havemos, pois, de aparecer em público, sem arcar ao péso da responsabilidade, com a desordem no nosso pensamento, a desordem na nossa vontade, um e outra a desordenar a, por vezes, pavorosa incongruência das nossas palavras?

P. A.

AROMA

(Ao Dr. Francisco Rodrigues)

Sonho, poesia
Talvez...

Aos poucos,
A Humanidade,
Sincera e consciente,
Redime-se
Dos pesadêlos,
Dos pecados do Passado!

Da sua paixão
E soltando
O «amo-te»
Da Felicidade suprema,
Arrasta-se para a luz,
Enche de alvoradas o coração,
Sacode a neve dos cabelos
— Pó de séculos —
E, lançando um olhar maldito
A' cruz
Do seu calvário,
Tal como Jesus
Em sábado de aleluia,
Ressuscita
E resplandece,
Inocente,
Virginal,
Que,
De transparente olhar!...
... Olhar tam lindo,
Que,
Dir-se-ia
Nêle reflectir a sua alma
— Expressão da sensibilidade! —
A um tempo
Revelando,
No desvio de ondas luminosas,
Espelhantes e cristalinas,
A Perfeição,
O Belo,
A Pureza
— A sua eterna mocidade!

1936. L. COELHO

Da Cidade

Tubos usados

de tôdas as dimensões, para canalizações de água e em muito bom estado de conservação, vendem-se quasi de graça na

CASA FERRO RUA DA REPÚBLICA, 34 (110) GUIMARÃIS

em estado de perfeito asseio e, exteriormente, poderão ter cobertura de oleado ou qualquer tela impremiável.

Art. 2.º Tanto os carros como os cabazes e as canastras, terão exteriormente, uma tableta ou inscrição, com caracteres bem legíveis, indicando o nome e sede da padaria e bem assim um número de ordem para cada padaria.

Art. 3.º Para a venda na rua ou em entrega nos domicílios, cada pão de trigo será envolto em papel branco sem qualquer impressão do lado interior, não podendo sair das padarias sem ter sido previamente embrulhado, pelo que será punida com multa respectiva a padaria cujas vendeadeiras transportem pão de trigo que não venha nessas condições.

Art. 4.º A infração de qualquer das disposições anteriores será aplicável: — Pela primeira vez, a multa de 10.000. — Pela 2.ª vez, a multa de 15.000.

Art. 5.º A reincidência aplicada-se-á ao disposto no art. 36.º do Código Penal.

Art. 6.º Esta postura, que é a renovação de posturas anteriores, com algumas modificações tendentes a tornar tão eficaz quanto possível o preceito da hygiene, que é indispensável pôr em prática a bem da saúde pública, começará a vigorar a partir de 6 de Junho próximo, nos termos do art. 195.º da Lei 88.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Declaração de voto — Pelos srs. Vereadores A. L. de Carvalho e dr. José Maria de Castro Ferreira foi feita a seguinte declaração de voto: «O facto de darmos preferência á applicação da verba de 40 mil escudos a uma obra cittadina, tendo, como patentes, uma razão especial e de oportunidade a justificar essa preferência, não representa menos simpatia ou aplauso por uma medida administrativa duma das mais latentes necessidades da vida das povoações rurais do concelho.»

Proposta — Tendo a Liga Portuguesa de Profilaxia Social solicitado a atenção desta Câmara no sentido de serem tomadas providências concernentes á hygiene da venda e transporte do pão, proponho como nova postura, a exemplo do que fez em Março a Câmara Municipal do Porto e ao abrigo do disposto no art. 10.º do Dec. 13.166, de Fevereiro de 1927, o seguinte:

Art. 1.º O pão destinado á venda, quer o de trigo, quer o de milho, só pode ser transportado em carro fechado, especialmente destinado a esse fim, não podendo servir a qualquer outro fim, ou em cabaz com tempo de dobradiças, ou ainda em canastras adequadas.

Art. 2.º Os cabazes ou canastras poderão ser de qualquer tamanho ou forma, mas serão formados de pano branco, que será sempre mantido

TIPÓGRAFO Compositor, habilitado, oferece-se. Carta a D. R., para esta Redacção. Cinema Sonoro Salão do Asilo de Santa Estefânia HOJE - Domingo, ás 9 3/4 da noite O Rei dos Mendigos Film musicado e Vingança Implacável, formidável film de aventuras. Na próxima quinta-feira, (110) 21, ás 9 3/4 da noite: JOANA D'ARCO

Festas a Santa Catarina — Os Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães vão realizar, no dia 21 de Junho próximo, na Estância da Penha, com um programa atraente que oportunamente será publicado, os festejos em honra de Santa Catarina.

Hotel da Penha — Vai assumir a gerência do Hotel da Penha, o nosso prezado amigo sr. Manuel Gonçalves, proprietário da Pensão Arcádia. Desejamos-lhe muitas felicidades.

Nascimento — Teve a sua luz, dando á luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso bom amigo e estimado proprietário da freguesia de Pinheiro, sr. Manuel Afonso, da Casa de Brense. Parabéns.

Procissão de N. S.ª de Fátima — No dia 13, realizou-se a Procissão de N. S.ª de Fátima, que saiu da capela das Capuchinhas, tendo dado volta ao Largo da República do Brazil. No cortejo incorporaram-se algumas centenas de pessoas entoando cânticos religiosos.

Circo Mariano — O Circo Mariano, que, como noticiamos, esteve nesta cidade, retirou-se para Braga na quinta-feira, deixando nos vimaranenses as melhores impressões, pois os trabalhos executados agradaram.

Pedido de casamento — No passado domingo, foi pedida em casamento para o nosso prezado amigo sr. Amadeu Moreira, activo Agenciário em Fomalhão, a sr.ª D. Almeida Gomes Alves, filha do saudoso sr. José Maria Gomes Alves e da sr.ª D. Elvira Gomes Alves.

Os noivos são possuidores de excelentes qualidades que hão-de, por certo, fazer a felicidade do lar que vão constituir. Antecipadamente lhes desejamos muitas venturas.

Convento da Costa — Foi alugado á Congregação dos Padres Dominicanos o Convento da Costa.

Casamento — Na igreja da Misericórdia, realizou-se, no domingo, o casamento do sr. Alberto Neves de Castro com a sr.ª D. Arminda do Céu de Sousa Carvalho, filha do industrial sr. Bernardino de Carvalho e de sua esposa a sr.ª D. Joaquina Lopes de Sousa. Foram padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo seu cunhado, o nosso amigo sr. João A. da Silva Guimarães e sua mãe a sr.ª D. Cecília de Queiroz Neves de Castro. Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Romaria de S. Torcato — Conforme programa que já publicamos, realiza-se hoje a denominada Romaria Pequena de S. Torcato que costuma ser muito concorrida. Durante o dia de hoje haverá carreiras de caminhetas entre esta cidade e o local da Romaria.

Cinema-Sonoro — Por iniciativa da Empresa do Teatro Cine-Parque, de Vizela, inaugurou-se na sexta-feira, no Salão do Asilo de S.ª Estefânia, o Cinema-Sonoro que o-ravante ali atrai os vimaranenses. Exhibiu-se o curioso filme «Barão Cigano».

Conforme anúncio que publicamos noutro lugar, vão realizar-se outras sessões com os mais recentes filmes. Felicitações aquela empresa.

Na Parada dos Bombeiros também vai ser inaugurado dentro de poucos dias, como já noticiamos, o Cinema-Sonoro ao ar livre.

Julgamentos — Em Tribunal colectivo, respondeu, há dias, Armando Rodrigues, solteiro, sapateiro, de 22 anos, da freguesia de N. S. da Oliveira, desta cidade, acusado de ter praticado um furto á firma José de Castro Guimarães, Sucr. de esc. 4.537.50. Foi condenado em 10 meses de prisão correccional e 2

meses e meio de multa a 1.000 por dia, 1.000.000 de imposto de justiça e acréscimos legais, 100.000 ao advogado officioso e 100.000 de indemnização áquella firma. Foi seu patrono o sr. dr. João Rocha dos Santos.

Terminou, há dias, o julgamento de Francisco da Silva Marques, solteiro, maior, autor do crime de morte na pessoa de José Lemos Pinheiro. Foi condenado em 2 anos e meio de prisão maior celular ou na alternativa de 3 anos e 9 meses de degredo, 3 meses de multa a 1.000 por dia, 1.000.000 de imposto de justiça, 5.000.000 de indemnização aos filhos da vítima e 500.000 para o ofendido Manuel Lemos Pinheiro, irmão do assassinado.

O Tribunal não deu como provado o crime de homicídio voluntário de que o réu era acusado e teve em atenção o seu bom comportamento anterior, etc.

Visita Académica — Uma comissão delegada do Grupo de Estudantes Preparatórios Universitários do Porto, composta pelos srs. Fernando da Costa Pinheiro, Arnaldo da Cunha Guimarães, Raúl Fernandes da Rocha e António Magro Borges, de visita a esta cidade, apresentou-nos os seus cumprimentos. Aquelle Grupo de Estudantes vai realizar na cidade de Braga e no seu Teatro Circo, no próximo dia 27, um Sarau Elegante, para o qual estão bilhetes á venda, já, nesta cidade.

nosso bom amigo sr. dr. João de Oliveira Bastos.

Desejamos a todos os doentes o mais rápido restabelecimento.

Fez ontem anos o nosso amigo sr. Manoel José de Carvalho, proprietário do Café Oriental.

Fazem hoje anos os nossos bons amigos srs. António Laranjeiro dos Reis, activo defensor dos interesses locais e José Fernandes da S. Correia.

Nos dias 21, 22, 23, 26 e 29 fazem anos, respectivamente, os nossos prezados amigos srs. Dr. Joaquim Ferreira Leão, digno engenheiro municipal, Arnaldo Almoim da Silva Menezes, Joaquim Laranjeiro dos Reis, digno director da Casa dos Pobres e denodado defensor dos interesses locais, Dr. António Augusto da Silva Carneiro, ilustre Juiz de Direito em Oliveira do Hospital, e Rodrigo José Leite Dias.

A todos apresentamos sinceras felicitações.

Esteve nesta cidade, de passagem, o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Alvaro Penafort, ilustre escrivão de direito e Comandante dos B. V., em Celorico de Bastos.

Em conseqüências duma queda que deu, tem passado ligeiramente incomodado o nosso bom amigo e activo funcionário da Câmara Municipal, sr. João Carlos Vieira de Andrade. Desejamos as suas rápidas melhoras.

Falecimentos

Com 75 anos, finou-se o sr. António Carneiro, pai do saudoso Presidente da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranense, sr. José Carneiro, e dos srs. Agostinho Carneiro, actual Presidente da mesma colectividade e Abílio Carneiro, e sógro do nosso prezado amigo, sr. Sebastião Mendes. O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se, ante-ontem, na igreja da V. O. T. de S. Francisco. Pésames á familia dorida.

Justa petição dos Industriais de Padaria

Os industriais de Padaria desta cidade e concelho, constituíram-se em Comissão para pugnar pelos seus interesses e muito especialmente pela annulação do Art. 49 do Decreto-lei n.º 25.732, de 12 de Agosto de 1935, a-fim de que seja permitido o fabrico de pão de trigo e milho, gastando-se neste último os canteiros da região.

Essa Comissão, composta pelos srs. Eduardo da Silva Guimarães, José Fernandes, João Mendes Fernandes, Manuel Feliciano de Araújo Silva Caldas (de Vizela) e Joaquim Ferreira de Campos (das Taipas), endereçará representações a s. ex.º o Ministro da Agricultura e á Direcção do Sindicato Agrícola, certa de que justiça lhe será prestada e também de que serão postos em relevo os altos interesses da região.

Pela Câmara

Pelos vereadores srs. dr. José M. de Castro Ferreira e António Lopes de Carvalho foi apresentada a seguinte proposta: «Na sessão de 30 de Abril último foi aprovada uma proposta concebida nos seguintes termos: Que se confie á Associação Commercial e Industrial de Guimarães o encargo de realizar a Festa da Cidade e Feiras de S. Gualter. Esta proposta foi comunicada á citada colectividade. Por sua vez,

de uma cuba de vinho, mandou abrir o postigo de S. Paio e por elle entrou o famoso João Rodrigues de Sá, o Sá das Galés, aos gritos de Portugal! Portugal! S. Jorge! A cerca da vila baixa foi logo vencida e as casas dos adeptos de Castela saqueadas. Aires Gomes da Silva assim como a sua gente de armas e partidários seus, recolhendo-se ao Castelo, organizou ainda um núcleo de resistência que obrigou o Mestre de Aviz a manter o cerco mais alguns dias do que desejava, em que se lutou renhidamente e ao cabo dos quais se estabeleceu um accordo que consistia em o alcaide-mor pedir socorro para Castela e se dentro de um mês não lhe fôsse concedido, a vila seria então entregue ao sitiante, saindo os que dentro do Castelo estavam com tudo quanto lhes pertencesse. Os socorros não vieram, e o alcaide-mor cumpriu o combinado, entregando a vila a D. João. Aires Gomes da Silva foi retirado do Castelo ao colo de alguns dos seus escudeiros e pouco depois falecia. Em seguida a viúva D. Urraca Mendes e o seu único filho Afonso Gomes, do segundo matrimónio, retiraram-se para Espanha. Aires Gomes da Silva contrahiu matrimonio duas vezes: a 1.ª com D. Mor

Peres Varela, filha do burguez Pero Miguens Palhão e a 2.ª com D. Urraca Tenório, irmã do arcebispo de Toledo que fôra também bispo-conde de Coimbra, e criada da ramha de Castela, D. Beatriz, filha de Leonor Teles e D. Fernando I. Aquelle filho de Aires Gomes da Silva, em Castela, usou o nome de Afonso Tenório, onde foi Adiantado de Cazerla, senhor do Boanete e pai do 1.º conde de Cifuentes. O auto de capitulação da vila foi assinado, perante o rei de Portugal com tôdas as honras militares, pelo ex-governador de Tui D. Paio Seródio ou Paulo Sodré, como representante de Aires Gomes da Silva que, encontrando-se doente, declarou-se vassallo do Mestre de Aviz. Mas por pouco tempo porque — afirmam alguns outros escritores — ele ainda se retirou para Espanha e lá foi governador da cidade de Tui. Os bens de Aires Gomes da Silva foram dados pelo rei a Mem Rodrigues de Vasconcelos, Lopo Dias de Azevedo e João da Silva.

D. João I, em 8 de Agosto de 1385, por carta passada em Guimarães, fez mercê da mesma villa ao Condestável D. Nuno. Um escritor contemporâneo, Monsenor José Augusto Ferreira, nos diz, nos seus Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga, que o

referido arcebispo de Braga, D. Lourenço, assistiu e auxiliou a tomada do castello vimaranense, cujo bom êxito communicou para Braga, o que, como é evidente, deu origem a que o povo entusiasticamente se animasse, entrando immediata e corajosamente em luta renhida com a guarnição do castello da mesma cidade. Porém recendo-se qualquer reforço de Castela, foi communicado o facto ao Mestre de Aviz, pedindo-lhe auxílios e convidando-o a ir tomar urgentemente o castello. D. João mandou-lhes os auxílios solicitados e ordena a D. Nuno Alvares — que se encontrava em Guimarães — a conferenciar com elle — que marchasse para Braga, o que êste fez incontinenti. Chegando ali, D. Nuno intima com energia o alcaide-mor do castello braçarense a entregar-lho, o que êste recusa. D. Nuno ataca com denodo e, após dois dias e duas noites de luta, o castello rende-se finalmente.

Os vimaranenses nunca trepidaram diante das mais arriscadas conjuncturas. Foram sempre dedicados — repetimos — pela sua terra e pela Pátria, em geral. Ninguém lhes pode exprobar a menor defeccção neste sentido. Foram muitas as emergências em que, depois

dêstes cércos, demonstraram a sua coragem.

Haja vista o que se deu na villa no tempo do Prior do Crato, D. António, contra os castelhanos seus perseguidores e mais tarde contra os franceses, em que Laison querendo sufocar o movimento de expulsão contra elles iniciado, não tem a dita de entrar na villa, pois os vimaranenses, apesar de mal armados, dispondo apenas de paus, espadas, chucos, espingardas, forçados, espetos e outros utensílios, mas decididos e arrojadados, perseguem-no naquella attitude de tropa fandanga, causando-lhe algumas perdas, em cuja façanha praticaram acções de um denodo extraordinário e de um patriotismo inexcedivelmente grande. Não os intimidou nunca a superioridade numerica do inimigo.

Penaliza-nos extremamente não podermos nem devermos ser mais extensos, de harmonia com os moldes que estabelecemos. Se assim não fôsse, muitissimo mais podiamos dizer.

P.ª Alberto Gonçalves. O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranense)

Assédios ou cércos

A guarnição do Castelo consistia em 80 escudeiros e alguns fidalgos, entre eles Afonso Lourenço de Castro e Paio Rodrigues, seu cunhado. O alcaide-mor já era de avançada idade.

Certo dia falava D. João I, no Porto, com o arcebispo de Braga, D. Lourenço — seu confidente, que sempre o acompanhava e com êle tomou parte na Batalha de Aljubarrota — sobre a melhor forma de conquistar a villa de Guimarães, sem grande custo e perda de soldado. O prelado — persona grata do Mestre de Aviz, como já disse-mos — que ali se encontrava com o fim de coadjuvar na organização de uma armada que destinava a Lisboa, aconselhou-o a escrever a Afonso Lourenço de Carvalho e a seu cunhado sobre o assunto. Assim se fez.

Escrita foi uma carta e enviada com o máximo recato e cuidado ao seu destino para não levantar suspeitas ao destinatário, convidando-o a ir falar com o rei sobre um assunto importante. Porém o escudeiro, primeiro que

acudisse ao chamamento do rei, falou com Gonçalo Pires Coelho, ainda parente da mulher do condestável D. Nuno Alvares Pereira, D. Leonor de Alvim, e que estava então incumbido da governação do Castelo interinamente, na ausência do alcaide-mor.

Este Gonçalo Pires Coelho havia em tempos dado fuga áquella sua parenta, a quem os partidários de Castela tinham detido juntamente com a filha D. Brites, acompanhando-as ao Porto, cidade em que se encontrava seu marido e pai em companhia do Mestre.

Recebida a carta, dentro em pouco dirigiu-se Afonso Lourenço á dita cidade. Efectuada a entrevista, aceitas as propostas, estabelecido o plano da entrega do Castelo e combinado o dia, regressou o referido escudeiro a Guimarães.

Decorrem alguns dias e o rei marcha para esta villa com trezentos cavalos, com os quais acampa, sem estrepito, indo emboscar-se junto da ponte do rio Fato (?). A marcha foi sob o maior silêncio. Iam de-vagar e calados — diz um escritor — e porque um cavallo rinchou, o rei fez logo matê-lo. No dia seguinte, antemanhã, Afonso Lourenço, sobre o pretexto da entrada

Do Concelho

Carta de Lordelo

(Retardada)

Nossos Contrerrâneos e Amigos:

Estamos hoje com uma vontade inensa de conversar smente e questão é saber se estareis para nos aturar.

Estes dias de sol lindo fazem, porém, desabrochar em nós certas *expansões* assolapadas pela invernia tristinha que lá vai... Dá-nos a brotoeja na língua e não há modo de a fazer sossegar, para cantar e louvar e exaltar a influência renovadora desta pujante Primavera nos destinos cheios de nova seiva da nossa Terra...

Longe porém de nós o pensamento duma conversa fiada! Isso não!

Vamos tratar de assuntos muito sérios, como vereis.

Anda aí, há umas quatro ou cinco semanas, um jornal do outro lado daquele quadrante de que sopram os ventos das piores chuvas, a meter-se com a nossa vida, com espírito e assim a modos de quem deita foguetes antes da festa... Temos gostado das suas sábias, sisudas e conspicias razões e também não desgostamos de saber quem terá encomendado ou ditado o sermão.

Há gente, infelizmente tão obtusa de inteligência e tão empedernida de coração, que se não converte àquelas endexas langorosas, àquela suavidade melíflua das promessas paradisíacas, àquela fúria separatista, desunxadora e fatal, tronitrante e quasi trágico-cômica dum Júpiter ou dum anjo de asas decepadas...

A eloquência daquelas notícias de S. Miguel das Aves, arrebatadora, agitada, impulsiva, demostínica e paraugonal encontra almas geladas, na incompreensão de tantas maravilhas que nos hão de vir desluzir, quando chegar até nós o esplendor helénico, requintado e super-fino da civilização Santotirsense.

Gastam-se todos os adjectivos do entusiasmo, começa o dicionário a falar na expressão do pensamento, e nada demove, nada aquece, nada vivifica o frio, frio, frio de alguns preza-dos contrerrâneos.

Ora contra isto, batatas!

Um conhecemos nós que nada o demove daquele olhar fixo nos lados de onde nasce o sol, como aquela esfinge do deserto da Líbia, de sorriso impenetrável, quasi indefinido e misterioso...

Pode ser que lhe aconteça que, venha o nevoeiro, lhe tolde o olhar, lhe apague a vista souhadora, mas ainda assim lhe ficará a nostalgia de para além do nevoeiro visionar o "dessejado"...

Nada há a fazer lhe, a não ser a justiça de o saber muito amante da terra em que vive.

Terra que tanto merece do nosso

amor, como da nossa responsabilidade nos seus destinos.

Quem nos havia de dizer que o Vizela, rio pachorrento e rico como um Cresus, ainda seria um dia o nosso Rubicão?

Alea jacta est?

A sorte está lançada!

E nós sabemos lá porque é que nos lembrou aquela coisa linda que Alberto de Monsaraz escreveu:

"O Povo de Montemor, Se estás mal, se és desgraçado Suspende! Toma cuidado, Que podes ficar pior!..."

O que é certo, porém, através de todos os sorrisos ou de tôdas as gargalhadas, é que a história vai-se desfiando e leva o vento de pópa!...

Os tímoneiros são firmes e não receiam ir parar ao "mar calhado"...

Levam olho nos vigias, velas pândas e eufunadas e até agora o tempo tem estado bom, não há vagalhões nem monstros oceânicos a tolher o caminho. Novíssimos argonautas de Lordelo (quem o diria!) ães lá vã à conquista do velo de ouro, oculto e encantado lá pelas faldas das serras da Senhora da Assunção!

É parece-lhes que de lá não nos virão as riquezas, o bem estar, os caminhos, as fontes, as estradas, as Escolas, uma Patacoia superior à Ópera de Paris ou ao Scala de Milão, tudo, tudo, tu lo, num horror ou mais?

Não sabem? Não acreditam?

Pois estão muito enganados!

Mas, parece nos que é preciso até dizer-lhes o resto.

Vão nos trazer para Lordelo a torre dos Clérigos e os Jerónimos, vai-se construir um porto de mar, ali ao fundo da Freguesia, para lá da taboleta que marca na estrada a divisão da Província... vai ser arrasado completamente o Monte do cabeço de Meninos, para servir de campo aeronáutico internacional, construir um casino de folia mundial, com roletas, folias, bailarinas, escândalos de brado no mundo inteiro, trinta por uma linha, o diabo a quatro, o homem macaco, a mulher eléctrica, e o Julias a coçar a cabeça ao Pilatos.

Querem mais alguma coisa?

Se quiserem um pouquinho de bom-senso também se arranja.

Vou fechar esta carta, que já vai estirada como a língua pa Póvoa.

Já vêem os nossos bons contrerrâneos e amigos que as notícias hoje são boas.

Até outra vez.

A medida que fomos sabendo mais, aqui as traremos e despejaremos tudo.

Não somos pessoa que possa calar aquilo que é motivo de regosijo, em bandeiramento em arco, e luminárias para a nossa Freguesia tôda.

Até outra vez.

Lêde e propagai o "Notícias de Guimarães,"

S. Torcato, 15.

Diversas notícias

No domingo passado, foi muito visitado este pitoresco e agradável local por forasteiros que ao milagroso S. Torcato vieram fazer as suas promessas, repicando festivamente os sinos. Depois de uma visita à linda capelinha do Santo, todos retiraram ao seu destino maravilhados.

— Tem passado incomodado o nosso ilustre amigo, sr. dr. Francisco Fernandes.

— Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

— Procedente do Pôrto e acompanhado de sua esposa, deu-nos a honra da sua visita a esta estância e a sua boa mãe, parentes e amigos, o nosso contrerrâneo e amigo, sr. João de Oliveira Fernandes Guimarães, estimado comerciante.

Cumprimentámo-lo.

— Procedente do Rio de Janeiro, encontra-se entre nós, de visita a sua família e à sua Pátria, o nosso amigo e contrerrâneo, sr. Manuel de Freitas, importante comerciante e capitalista.

Ao nosso ilustre hóspede apresentamos os nossos cumprimentos de boas-vindas.

— Na passada sexta-feira, aniversário do nosso milagroso S. Torcato, foi a linda capelinha da água do Santo benzida e celebrada ali missa solene pelo rev. capelão, sr. Manuel Joaquim Gomes, acolitado pelo rev. Abade da freguesia. Foi muito concorrido este acto religioso. Durante o dia diversas estúrdias percorreram o pitoresco local, realizando as suas danças tão características desta famosa região, sendo grande a concorrência.

— É no próximo domingo, 17 do corrente, que se realiza, nesta freguesia, a Romaria Pequena que, este ano, é superior às dos últimos anos.

Os torcatenses estão se preparando activamente para receberem condignamente os seus ilustres hóspedes, que encontrarão, neste bom povo, acolhimento e hospitalidade dos amigos.

Para comodidade dos forasteiros, foi estabelecido um bom serviço de carreiras de caminhetas entre Guimarães-S. Torcato e vice-versa.

— Na semana passada, no lugar de Penouços, freguesia de S. Mamede de Aldão, audaciosos gatunos entraram na casa de António da Silva, agricultor, furtando-lhe duma algeira do casaco uma carteira com oito contos. Está-se procedendo a averiguações.

Briteiros, 11.

Chegada — Aniversário — A's autoridades competentes

Chegou já ontem do Pôrto às Taipas, onde costuma vir fixar residência e estabelecer-se com o "Bar das Ter

mas,, a sr.ª D. Carolina Marques, proprietária do mesmo bar e de uma grande casa de valores selados, no Pôrto.

A s. ex.ª a sr.ª D. Carolina Marques, conhecida e querida de todos os aquistas, pelas suas excelsas qualidades, os nossos respeitosos cumprimentos de boas-vindas.

— Completa anos na próxima quarta-feira, 13, o nosso grande amigo e colega no jornalismo, sr. Abílio da Costa Menezes, da vizinha povoação de Caldas das Taipas, a quem, por isso, apresentamos cumprimentos, desejando que essa data se repita, no meio da maior alegria *ad multos annos*.

— Já nos temos referido, sem que até agora se tenha conseguido pôr cõbro, aos bandos de homens e mulheres novos e válidos, que diariamente infestam estas aldeias, estendendo, descarada e abusivamente, a mão à caridade pública, já não por necessidade, mas por malandrice, vadiagem e rebeldia ao trabalho; já não pedindo, mas exigindo, ameaçando, assaltando e roubando, em pleno dia, e em plena estrada, cinica e ferozmente!

São estas ceas que se observam por aqui, quasi diariamente, senão mesmo diariamente, e que ainda num dos últimos dias da semana passada se deram na freguesia de S. João de Ponte, próximo de Caldas das Taipas. Urge pôr cõbro a tal estado de coisas, quando não, estaremos pior do que em Espanha, na América do Norte, China, etc.

No nosso entender não deveria ser permitido o esmolar em qualquer terra às criaturas estra has a essa mesma terra, pelo menos quando não se fizessem acompanhar de atestados ou quaisquer documentos comprovativos da sua pobreza, bem como do seu comportamento, passados pelas autoridades da sua naturalidade ou residência, e cujas assinaturas deveriam ser reconhecidas para, assim, evitar fraudes, pois, muitos vadios, não querendo trabalhar, nem esmolar na sua terra, onde a sua actividade... é conhecida, estendem-se ao longe, onde melhor podem praticar as suas fauhas, dizendo-se desempregados...

É preciso que se exijam os documentos supra-citados, sob pena de prisão, a todos os mendigos estranhos à terra, sobretudo quando estes inspirem desconfiança! Só assim conseguiremos um Portugal habitável, são, trabalhador e maior!!!

Amor e Vingança

I
Eu fujo, tu foges, êle foge, Todos nós a fugirmos! A quê? A olhares severos, ciúmentos De alguém que nos odeia. Porquê?

II
Porque o meu pobre coração um dia Apaixonado e triste se sentia Por uma mulher; nova e morena Linda e bela, que p'ra êle se sorria.

III
Queria confessar-lhe o que sentia. — Um sentimento puro e bem leal — Mas... se outra mulher aparecia A quem respeitávamos por igual!!

IV
Fugíamos, então, em declarar O que os nossos corações sentiam. Mas outros, sem respeito por alguém, Os cordiais desejos desfaziam.

V
Dizem: que o covarde foge sempre A's responsabilidades que tem. Esse alguém, que agora nos odeia, Condenará o covarde também.

VI
Mas tu não fujas porque eu não fujo, Que importa vêr o outro fugir. Esse alguém, que agora nos odeia, Há-de abençoar o nosso porvir.

VII
Minha consciência limpa se sorri, A tua, com certeza, se ri também. Quem tem a sua consciência limpa Não recebe as censuras de ninguém.

DOENÇAS DOS OLHOS

Dr. A. Vilas-Boas e Alvim
Com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris.

CONSULTAS:
Em Guimarães: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 h.
Em Braga: Todos os dias úteis.
(III) L. Barão S. Martinho, 78.

Em FAFE

Grande Feira Franca Anual e Exposição de Rosas no edificio da Câmara.

Mos dias 16 e 17 de Maio de 1938

A Câmara Municipal isentou do imposto de terrado o comércio que à feira concorra, bem como os abarracamentos destinados à exhibição de quaisquer espectáculos ou divertimentos públicos e os gados que forem expostos à venda.

No dia 17 de Maio, pelas 18 horas, terão lugar as Corridas de Cavalos, com os seguintes prémios:

Ao cavalo ou égua que mais correr

Atelier de Vestidos e Chapéus

de

Armanda da Fonseca

Rua da República, 91

Onde se confeccionam as mais lindas toilettes, com brevidade e economia. Em chapéus, últimos modelos

ou fugir travado, 120\$00. Ao jumento ou jumenta que mais correr, 20\$00. Ao jumento ou jumenta que menos correr, 10\$00.

No mesmo dia 17, pelas 12 horas, na Praça do Brasil, realizar-se-há um Concurso Pecuario, promovido pela Câmara Municipal e subsidiado pelo Ministério da Agricultura, sendo distribuídos os seguintes prémios:

Touros Reprodutores — 1.º prémio, 500\$00; 2.º Prémio, 300\$00; 3.º prémio, 200\$00.

Vacas isoladas — 1.º prémio, 250\$00; 2.º prémio, 150\$00; 3.º prémio, 100\$00.

Juntas de Vacas — 1.º prémio, 350\$00; 2.º prémio, 250\$00; 3.º prémio, 200\$00; 4.º prémio, 100\$00.

Bois de Trabalho (junta) — 1.º prémio, 150\$00; 2.º prémio, 100\$00.

Gado Suíno

Varrascos — 1.º prémio, 150\$00; 2.º prémio, 100\$00.

Porcas de criação — 1.º prémio, 150\$00; 2.º prémio, 100\$00.

A Companhia do Caminho de Ferro do Norte de Portugal organiza comboios extraordinários a preços reduzidos.

Casimiras, as melhores, as mais baratas, as mais modernas, na Filial Pimenta Machado.

Dos Livros. Dos Jornais.

«A Voz de Fafe» — Mais um ano conta de luta este nosso prezadíssimo colega, semanário nacionalista, da vizinha e progressiva Vila de Fafe.

Colega que muito admiramos pela forma sensata e serena como trata todos os casos da política geral, a Voz de Fafe marca bem o seu lugar na imprensa da Província. Bela e forte colaboração, a sua leitura não causa arrepios pelos primores da sua educação moral e intelectual que lhe imprime o seu ilustre director, a quem enviamos, bem como ao seu editor, o nosso bom amigo sr. António Teixeira da Mota Júnior, as nossas saudações, desejando a A Voz de Fafe muitas prosperidades e largos anos de vida.

«Vida de Cristo» — Segundo os Evangelhos e as Visões de Ana Catarina Emmerich — 1.º Ano de Vida Pública de Jesus — Está em distribuição o 2.º fascículo desta interessantíssima publicação, que, como o título indica, nos conta dia a dia as revelações da piedosa vidente Ana Catarina sobre o maravilhoso e doce Rabbi da Galileia.

«Vida de Cristo» contém muitas e elucidativas gravuras dos lugares percorridos por Jesus, o que torna esta obra verdadeira história da figura e divindade do Nazareno — deveras importante para o leitor estudioso e culto, aprofundando as variadas manifestações da Vida de Jesus.

Tôda a correspondência deve ser dirigida ao autor, Rev.º P.º José Alves Terços (Missionário do Espírito Santo), Largo do Picadeiro, 10-Lisboa.

Apêndice às Lições Elementares de Física Experimental para a 3.ª, 4.ª e 5.ª classes dos Liceus, por Dr. Alvaro R. Machado — 1936 — Pôrto. — Continua na sua bela cruzada de professor distinto e de educador exímio da mocidade escolar, o ilustre homem de ciência, sr. dr. Alvaro Ribeiro Machado, ornamento distintíssimo do Liceu Rodrigues de Freitas, da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto e Director do Observatório Meteorológico da Serra do Pilar.

O trabalho presente, é o II Questionário e Exercícios de Recapitulação, Experimentais e Numéricos, postos a claro diante do estudante. É a continuação do seu I Apêndice contendo este II 277 exercícios, cujos resultados o autor auxilia a resolver facilmente por meio de experiências e números. Trabalho utilíssimo, o sr. dr. Alvaro Machado vem prestando um grande serviço à causa da instrução científica no nosso país, pois é vasta e proficiente a sua obra pedagógica.

Agradecemos a S. Ex.ª a oferta gentil do seu valioso trabalho.

O crime de Eduardo Plácido — História dum cheque «sem cobertura» — Excessos de ilegítima defesa. — Pelos srs. drs. Tito Abrantes e Leopoldo do Vale, advogados da Companhia de Seguros «A Mundial», foi presente, em nome dos srs. Francisco Meira, João José Diniz, dr. Mário Ferreira da Rocha Calixto, dr. João do Amaral e Alfredo de Oliveira Pires, como seus representantes, ao Ministério Público junto do 8.º Juízo Criminal de Lisboa, um pedido com a entrega de valiosos e importantes documentos, em número de 12, a fim-de ser feita a sua junção aos autos de processo-crime em que é autora «A Mundial» e réu o sr. Eduardo Plácido, acusado do crime de «abuso de confiança mediante o qual se locupletou com mais de 4 mil contos que àquela pertenciam».

Os ilustres causídicos publicam em volume uma cerrada argumentação, historizando os factos ocorridos com a chamada *questão-Plácido*, que tanto apaixonou a opinião pública, acompanhada de números e datas.

Entre os documentos figuram os Pareceres dos distintos Comerciantes, srs. Professor dr. Caetano Beirão da Veiga, Professor dr. Raúl Valentim Lourenço e dr. Octávio de Brito como respostas à Consulta que a Suas Ex.ªs foi formulada.

Agência do Banco de Portugal GUIMARÃIS Serviço de notas

Encontram-se em circulação novas notas de CINCOENTA ESCUDOS — Chapa 5.ª.

Os principais característicos destas notas, podem ser examinados nos exemplares que se encontram patentes nesta Agência.

Guimarães, 4 de Maio de 1936.

Pela Agência do Banco de Portugal em Guimarães

OS AGENTES,

Antão de Lencastre

Heitor Campos.

(107)

Aos Agricultores

Não comprem adubos sem primeiro consultar os preços da nossa casa.

Na cultura do Milho

Adubos simples

Sulfato de amónio

Nitrato de sódio

Cal azotada

Fosfato Tomaz

Fosfato Alegre

Superfosfato de cal

Sulfato de potassa

Cloreto de potassa.

Adubos compostos para todas as culturas.

Adubos concentrados completos.

Niphokalium A para milho

Niphokalium B para batata

dos quais são representantes no Norte a Sociedade de Adubos Norte, Limitada

Pedidos a

Costa & Irmão, L.ª

CASA DAS SEMENTES (90)

Rua de S. Dâmaso, 21 — GUIMARÃIS



MARCA REGISTRADA

A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91

Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarães:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

Praça D. Afonso Henriques, 70

(105)